

# CAPÍTULO 10

## **MOVIMENTO ORLEANS VIVA E TURISMO: ESTRATÉGIAS DE PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO NATURAL E CULTURAL DO COSTÃO DE ORLEANS/SC**

*DOI: [http:// dx.doi.org/10.18616/plansus10](http://dx.doi.org/10.18616/plansus10)*

*Márcia Luzia Sartor Preve*

*Juliana Debiasi Menegasso*

*Tayse Borguezan Nicoladelli*

*Thaise Sutil*

*Danrlei de Conto*

*Nilzo Ivo Ladwig*

VOLTAR AO SUMÁRIO

## INTRODUÇÃO

O turismo é uma das atividades econômicas que mais cresce no Brasil e no mundo. De acordo com o Ministério do Turismo (BRASIL, 2019), baseado em um estudo do Conselho Mundial de Viagens e Turismo, essa atividade representou 8,1% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro em 2018. Nesse mesmo ano, nosso país recebeu 6.621.376 turistas das mais diversas nacionalidades (MARTINS, 2019).

O turismo, nos últimos anos, vem ganhando espaço em áreas com predomínio de características naturais em decorrência da vida agitada dos centros urbanos, permitindo aos seres humanos sossego e descanso e um maior contato com a natureza (TRZASKOS; BAUM; TROBIA, 2011). Além do lazer, em áreas naturais, ele favorece uma relação sustentável com a natureza, comprometida com a conservação e com a educação ambiental (BRASIL, 2008).

A educação ambiental é reflexo dos movimentos ambientalistas mundiais, que culminaram na realização de Conferências, como de Estocolmo (1972), Rio 92 (1992), Kyoto (1997), Joanesburgo (2002), Copenhague (2009), Rio +20 (2012) e, em 2015, a Conferência do Clima em Paris. Nessas conferências, as questões ambientais ficaram mais evidentes, levando a um aumento na preocupação da população pela manutenção da vida no planeta (SUTIL, 2018).

Nesse sentido, após a Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental realizada em Tsibilisi (EUA), em 1977, iniciou-se um amplo processo global para criar condições necessárias a uma nova consciência sobre o valor da natureza e para reorientar a produção de conhecimento baseada na interdisciplinaridade (JACOBI, 2003). Para Jacobi (2003), esse campo educativo tem possibilitado a realização de experiências concretas de educação ambiental de forma criativa e inovadora por diversos segmentos da população e em diversos níveis de formação.

No Brasil, a Lei nº 9.795/99, que instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental, define a educação ambiental como sendo o processo pelo qual o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conheci-

tos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente (BRASIL, 1999). Assim, esse componente educacional, associado ao turismo, pode promover situações de vivência e conhecimento na proteção do patrimônio natural e cultural presente em um território.

Uma das estratégias para trabalhar-se a educação ambiental é o estudo do meio, que “[...] pode ser compreendido como um método de ensino que visa proporcionar para alunos e professores contato direto com uma realidade que se decida estudar” (LOPES; PONTUSCHKA, 2009, p. 173). Para Lopes e Pontuschka (2009), essa atividade pedagógica se concretiza quando se estabelece um diálogo com o espaço a ser estudado, com o intuito de verificar e de produzir novos conhecimentos.

Anastasiou e Alves (2007) descrevem esse método de ensino como um estudo do contexto natural e social, apontando para uma determinada problemática, possibilitando relações com a realidade e construindo conhecimentos de forma direta. Tal estratégia se apresenta como uma possibilidade de tornar o conhecimento pertinente, contextualizado e real, o que é fundamental no desenvolvimento de uma aprendizagem significativa.

Dessa forma, o estudo do meio se insere em um segmento do turismo denominado educacional ou pedagógico (SCHÜLER; BROCHIER, 2016), fundamentado nos procedimentos de “aula passeio” ou “aula das descobertas” do pedagogo francês Célestin Freinet, que enfatizava a importância de não permanecer apenas dentro da sala de aula, mas explorar todo o ambiente, conhecendo a comunidade e o contexto cultural em que se insere o sujeito (TREVISAN; ANGOTTI, 2009).

Para Beni (2003), o turismo educacional consiste na organização de viagens culturais, com acompanhamento de professores especializados da própria instituição, visando a um ensino com programa de aulas e visitas a pontos históricos ou de interesse para o desenvolvimento educacional dos estudantes. Matos (2012) afirma que o turismo educacional ou pedagógico nada mais é do que o estudo do meio, uma ferramenta adotada por professores que estendem seu trabalho para além das quatro paredes da sala de aula. Assim, o turismo educacional ou pedagógico pode agregar valor aos vários níveis de formação

educacional ao dinamizar o processo de ensino-aprendizagem, conduzindo o educando ao exercício da construção e reconstrução de saberes e ao desenvolvimento de habilidades e competências (MATOS, 2012).

A imensa diversidade natural e cultural do Brasil permite o desenvolvimento de projetos visando ao turismo educacional e à educação ambiental. Nessa situação, o município de Orleans, localizado no sul de Santa Catarina, apresenta um grande potencial para o desenvolvimento dessas práticas. O território orleanense possui 549,8 km<sup>2</sup>, sendo em sua maioria ocupado por áreas rurais, com predomínio de elementos naturais, principalmente na porção noroeste, onde o município faz limite com os costões da Serra Geral.

A região do Costão, como é conhecida popularmente pelos munícipes orleanenses, apresenta belas paisagens cênicas, como escarpas íngremes e vales cortados por rios de águas limpas. Nesse ambiente de transição entre as terras baixas do litoral e as elevadas altitudes do planalto, encontramos os principais recursos hídricos do município e uma grande biodiversidade, típica da Mata Atlântica, que garantem a existência de um significativo patrimônio natural. Além disso, a região apresenta um grande patrimônio cultural, por ter sido ocupada pelo grupo indígena Xokleng e ser rota dos antigos tropeiros.

Em 2018, o patrimônio natural e cultural da região do Costão passou a ser ameaçado pela possível extração de carvão após o Tribunal de Justiça de Santa Catarina (TJSC) votar e aprovar a ação de inconstitucionalidade da lei municipal de Orleans, que impedia a exploração desse mineral no município.

Diante disso, no dia 19 de novembro de 2018, após a decisão do TJSC, um grupo de pessoas que apresentou preocupação com a possibilidade do início da exploração de carvão no município se reuniu e fundou o Movimento Orleans Viva (MOV) – Guardiões do Costão (MOV, 2019). Entre os princípios do MOV, destaca-se o terceiro: “[...] incentivar e apoiar o ecoturismo, o turismo rural e a agricultura familiar sustentável como alternativas prioritárias para o desenvolvimento socioambiental e socioeconômico de Orleans” (MOV, 2019).

Desde a sua formação, o MOV tem promovido diversas ações no município de Orleans, principalmente na comunidade de Três Barras, área com maior interesse por parte das mineradoras de carvão, localizada na região do

Costão. Entre as ações, destacam-se três experiências voltadas ao estudo do meio, por níveis diferentes de formação: pós-graduação, graduação e educação básica.

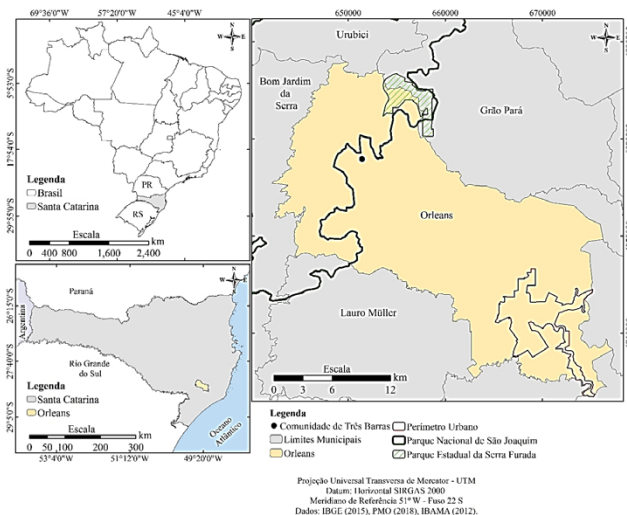
Diante da problemática existente na região do Costão, o presente capítulo tem como objetivo relatar as experiências na área de educação ambiental, vivenciadas por diferentes atores, promovidas pelo MOV, na comunidade de Três Barras, como forma de desenvolver o turismo pedagógico e proteger o patrimônio natural e cultural.

## MATERIAIS E MÉTODOS

### Localização e descrição da área de estudo

A comunidade de Três Barras está localizada ao noroeste do território do município de Orleans, no sul do estado de Santa Catarina. A comunidade se distancia cerca de 30 quilômetros do centro de Orleans, próximo da divisa com os municípios de Bom Jardim da Serra e Urubici (Figura 1).

Figura 1 - Localização da área de estudo



Fonte: Acervo dos autores (2019).

A comunidade de Três Barras está inserida em uma unidade de relevo denominada Patamares da Serra Geral, a qual é constituída por esporões interfluviais resultantes do recuo da escarpa da Serra Geral, em decorrência da erosão realizada pelos rios, pela chuva e por movimentos de massa (LUIZ, 2016).

O clima do município é definido como sendo subtropical úmido (MONTEIRO; SILVA, 2016), do tipo Cfa, segundo a classificação de Köppen, caracterizado por verões quentes, geadas pouco frequentes e tendência de concentração das chuvas nos meses de verão, contudo sem estação seca definida (PANDOLFO *et al.*, 2002).

A vegetação que cobre Orleans pertence ao domínio da Mata Atlântica. Contudo, o fato de o município estar situado em uma área de mudança entre o litoral e o planalto, Monteiro e Silva (2016) afirmam que há uma transição do domínio dos “mares de morros” florestados (Mata Atlântica) para o domínio dos planaltos (araucárias). Para os autores, essa situação ocorre nas maiores altitudes das bordas de planaltos, onde começam a surgir os enclaves de bosques de araucárias, abrangendo terras da comunidade de Três Barras.

A região do Costão de Orleans é muito rica em recursos hídricos, pois nela estão localizadas diversas nascentes e cursos de água que formam o rio Laranjeiras, afluente da margem esquerda do rio Tubarão (ANTUNES; CONSTANTE, 2016).

No território de Orleans, encontramos duas unidades de conservação de proteção integral: o Parque Nacional de São Joaquim (PNSJ) e o Parque Estadual da Serra Furada (PESF). O PNSJ possui uma superfície de 49.800 ha, sendo que 28,6% estão localizados em Orleans, o que corresponde 24,3% do município, mais precisamente na comunidade de Três Barras (FERREIRA, 2018). Já o PESF apresenta 1330 ha e destes, 36,6% (486,5 ha) de sua extensão estão situados em terras orleanenses (FATMA, 2010).

## METODOLOGIA

O método de pesquisa utilizado para este estudo foi o exploratório, dividido em dois procedimentos metodológicos: primeiramente, foram feitas pesquisas bibliográficas e documentais para conhecimento da área em estudo, como análises de livros, dissertações, artigos e leituras de mapas. Esse levantamento possibilitou o conhecimento dos patrimônios naturais e culturais da região, que permitiram a realização do turismo educacional.

Na segunda etapa, foram realizadas saídas a campo na comunidade de Três Barras. Para a realização de um trabalho de campo, Anastasiou e Alves (2007) propõem três etapas:

1. Planejamento: os estudantes com o professor, o foco de estudo, os aspectos importantes a serem observados, os instrumentos a serem utilizados para o registro da observação e a realização de uma revisão da literatura referente ao foco de estudo;
2. Execução do estudo conforme o planejado: levantamento de pressupostos; efetivação da visita, da coleta de dados, da organização e sistematização, da transcrição e análise do material coletado;
3. Apresentação dos resultados: os estudantes apresentam as conclusões para a discussão no grande grupo, conforme os objetivos propostos para o estudo.

O sucesso do estudo do meio está relacionado ao contínuo acompanhamento de todas as etapas, intervindo nas correções necessárias, interligando os objetivos aos elementos estabelecidos no roteiro, verificando a eficácia da metodologia e na obtenção dos dados coletados (SUTIL *et al.*, 2018).

As saídas a campo foram realizadas em três datas (26/04/2019, 04 e 05/05/2019 e 07/06/2019), por turmas de alunos com diferentes níveis de formação, sendo eles uma turma de pós-graduação, uma turma de graduação e duas turmas de ensino médio.

## RESULTADOS

### **Primeira experiência: turma de pós-graduação**

A primeira saída a campo realizada na comunidade de Três Barras, em parceria com o MOV, foi de uma turma de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) no dia 26 de abril de 2019.

Anteriormente ao campo, aconteceram quatro encontros, em que foram ministrados conteúdos que abordaram sobre os aspectos da gestão de bacias hidrográficas, com o intuito de preparar os discentes. No quinto encontro, foi realizada a saída a campo, que teve como objetivo reconhecer os principais aspectos e verificar dados físicos, bióticos e biogeoquímicos de uma bacia hidrografia.

Do grupo formado para a visita, uma doutoranda e um professor eram membros do MOV. Por essa razão, ao logo do caminho até a comunidade de Três Barras, foram sendo apontados elementos que compõem a bacia hidrográfica do Rio Laranjeiras e os possíveis impactos advindos da mineração de carvão. Nesse sentido, o primeiro ponto de parada foi a comunidade de Ponte Preta, onde há captação de água (Figura 2), realizada no rio Laranjeiras pelo Samae (Serviço Autônomo Municipal de Água e Esgoto). Nesse local, destacou-se a importância do manancial para o abastecimento do município, em virtude da grande vazão e da boa qualidade de água disponível, além da balneabilidade praticada no verão pelos munícipes.



Figura 2 - Ponto de captação de água no rio Laranjeiras



Fonte: Acervo dos autores (2019).

O segundo ponto a ser visitado foi a comunidade de Três Barras, nas proximidades da igreja católica. Nesse local, a recepção foi feita por uma integrante do MOV, que relatou a importância desse movimento social na busca pela preservação dos recursos naturais, principalmente os hídricos. Ela identificou o grande patrimônio cultural da região pela presença de grupos indígenas e do tropeirismo, enumerando, ainda, algumas atividades que estavam sendo desenvolvidas pelo MOV com o intuito de mobilizar a população para a causa.

A terceira parada foi realizada já nos limites do PNSJ, em uma propriedade ainda não indenizada, que desenvolve a agropecuária e a silvicultura. Nesse ponto, foram visualizados a multiplicidade do uso do solo e os impactos decorrentes, como o descarte incorreto das embalagens de agrotóxicos. Além disso, foi possível observar o rio Laranjeiras recebendo água de um de seus afluentes e parte da estrutura morfométrica do seu entorno (Figura 3).

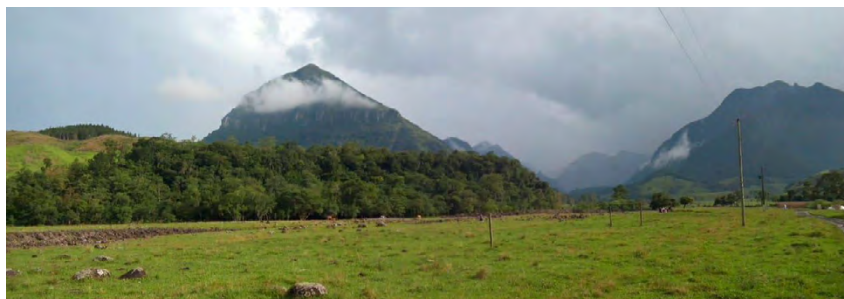
Figura 3 - Rio Laranjeiras e a estrutura morfométrica do seu entorno



Fonte: Acervo dos autores (2019).

Ao longo de todo o percurso, o grupo pôde contemplar as belíssimas paisagens do Costão, como as encostas íngremes da Serra Geral, que retratam o passado geológico da região; os vales encaixados, recortados por rios de águas límpidas e velozes; a exuberante fauna e flora da Mata Atlântica (Figura 4).

Figura 4 - Encostas íngremes da Serra Geral



Fonte: Acervo dos autores (2019).

Na aula seguinte, foram compartilhados e discutidos os resultados obtidos em campo com o grupo e com os professores. Nesse momento, ficou acordado entre o grupo a elaboração de um artigo científico, baseado nos dados obtidos e nas análises de água realizadas posteriormente ao campo.

## **Segunda experiência: turma de graduação**

A segunda saída a campo foi realizada nos dias 05 e 06 de maio de 2019, sendo organizada em parceria com o MOV e o curso de Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), por meio da disciplina de Educação Ambiental. O objetivo dessa atividade foi conhecer a ação e a trajetória do MOV perante uma atividade de alto impacto ambiental, destacando as potencialidades naturais e culturais de Orleans.

As etapas da saída de campo foram elaboradas partindo-se do princípio da visitação na área central da cidade, havendo deslocamento para a comunidade de Três Barras, após algumas paradas estratégicas para entendimento da construção do espaço geográfico de Orleans.

O fato é que ao transitar-se pelos lugares de uma cidade, pode-se observar a interdependência entre o rural e o urbano que se faz presente. Dessa forma, torna-se importante transmitir aos alunos como as atividades agrícolas e as áreas de lazer nos espaços rurais são complementares no contexto do abastecimento e do bem-estar da população local como um todo. A disponibilidade dos recursos e serviços encontrados nos espaços urbanos, como centros médicos, escolas, universidades, indústrias e comércios, é essencial para a sobrevivência de quem vive distante, no caso, nas áreas rurais.

Sabendo dessa realidade, da interdependência entre os lugares, é que o roteiro das paradas foi elaborado. As disposições das paradas foram pensadas, inicialmente, com a intenção de mostrar um pouco sobre o modo de vida local, as atividades cotidianas do povo orleanense, o legado cultural deixado por artistas e escritores.

O roteiro foi marcado por uma primeira parada no local considerado estratégico do ponto de vista do desenvolvimento regional e local, bem

como da origem do município e das atividades econômicas desenvolvidas no passado e no presente.

O lugar conhecido como “Esculturas do Paredão” (Figura 5) recebe esse nome por conter passagens bíblicas esculpidas pelo artista orleanense Zé Diabo, em rocha arenítica, que fazem parte da Formação Rio do Sul, Grupo Itararé, conhecido por Ponto 0, identificado pelo geólogo americano Israel. C. White (CPRM, 2002). O local atrai visitantes que desejam contemplar seus contornos e verificar o trajeto do antigo ramal ferroviário que transportava carvão e pessoas, a Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina, margeando o rio Tubarão.

Figura 5 - Esculturas do Paredão



Fonte: Acervo dos autores (2019).

Na terceira e última parada na cidade, os alunos chegaram à Igreja Matriz Santa Otília. No local, diante da estrutura arquitetônica da Igreja e da praça, foi explicado o contexto histórico de construção do espaço e da ver-

ticalização presente na região central. Também foi sugerido aos alunos que observassem as edificações ao redor da igreja, percebendo uma centralidade presente no entorno. Uma análise da configuração urbana naquele momento permitiu relacionar toda condicionante no entorno da construção do espaço geográfico de Orleans e sua valorização para moradia, comércio e serviços. É notável que a maioria das edificações presentes na área central são de uso misto, conciliando as duas práticas (residencial e comercial).

Depois do almoço, após visitarem as lojas e o comércio local, os alunos foram guiados de ônibus até a localidade de Três Barras, passando por diversas comunidades rurais, reconhecendo e exercitando as comparações entre paisagens e cenários, conforme o distanciamento da zona urbana se fazia presente.

Chegando à comunidade, a quarta parada foi marcada pelo reconhecimento do lugar. Os alunos foram motivados a pensar nas diferenças dos espaços já visitados, conhecendo a comunidade e seus moradores de perto. Na oportunidade, as famílias foram apresentadas ao grande grupo, havendo uma troca cultural entre os universitários e elas, as quais, a maioria, com sua sobrevivência ligada à agricultura familiar, contrastando com tudo aquilo vivenciado na cidade.

No que tange aos aspectos ligados às possíveis retomadas das atividades carboníferas, foi apresentado aos estudantes um dos marcos limites de uma área requerida por uma empresa carbonífera. O fato é que esse marco se encontra muito próximo da Igreja da comunidade e das propriedades rurais que ficam no entorno da área de convívio e sobrevivência de várias famílias locais. As principais questões levantadas foram os impactos socioambientais que recairão sobre as atividades econômicas em curso naquele espaço, bem como as modificações das paisagens cênicas percebidas pelos alunos na comunidade.

Por fim, os alunos foram guiados ao local de abrigo, uma fazenda disponibilizada como dormitório. No local, houve a quinta parada do roteiro. Próximo ao leito do rio, já nos limites do PNSJ, sobre as Encostas da Serra Geral, os alunos puderam observar os elementos naturais (relevo, hidrogra-

fauna e flora) e a prática econômica predominante na fazenda, a pecuária extensiva (Figura 6). Ficaram visíveis também os limites entre o planalto e a planície catarinense e as divisas territoriais entre os municípios de Orleans, Urubici e Bom Jardim da Serra.

Figura 6 - Parque Nacional de São Joaquim



Fonte: Acervo dos autores (2019).

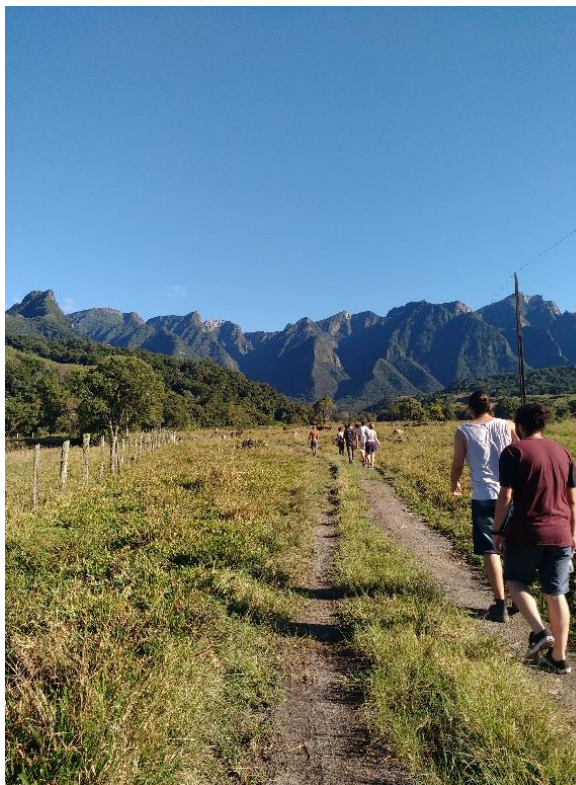
O assunto, nessa parada, foi pautado no comprometimento do abastecimento de água *versus* atividades econômicas mineradoras. No município de Orleans, existem locais onde os passivos das atividades mineradoras, no passado, ainda são presentes, como o lançamento de Drenagem Ácida de Mina (DAM). A DAM é uma herança das práticas da mineração carbonífera, sendo que ela reforça o risco de contaminação que futuras áreas poderão sofrer com a possível retomada do setor.

A sexta parada foi de modo descontraído, uma espécie de *troca de saberes*. Os alunos puderam questionar e tirar suas dúvidas diante de tudo o que haviam conhecido e compreendido naquele primeiro dia. A roda permitiu uma abertura ao MOV e aos alunos para que assuntos como movimentos populares, ações educativas, participação popular, eventos e mobilizações e educação ambiental fossem compartilhados e discutidos.



No segundo dia, a sétima e última parada foi realizada. Com uma caminhada contemplativa dentro do PNSJ, em uma área ainda não indenizada, os alunos observaram todo o ecossistema ali presente (Figura 7). Também foi ressaltado o potencial do Parque no que se refere ao turismo de natureza, propício para ser aplicado na região. Trilhas, cachoeiras, rios possíveis para balneabilidade, paisagem cênica e o contato com os elementos naturais foram ressaltados, contribuindo, assim, para uma análise das atividades econômicas rentáveis que podem adquirir espaço e renda em uma comunidade ameaçada pela retomada das atividades carboníferas na região.

Figura 7 - Caminhada contemplativa, análise dos potenciais paisagísticos no PNSJ



Fonte: Acervo dos autores (2019).

A saída de campo conectou, aproximou e mostrou as possibilidades de atuação de um movimento popular e permitiu aprendizagens aos alunos. Foram aprofundados temas no campo da geologia, da geomorfologia, da hidrologia e da biogeografia nos diversos pontos de parada e de contemplação oportunizados.

### **Terceira experiência: turmas de ensino médio**

A terceira saída a campo na comunidade de Três Barras foi realizada em comemoração à Semana do Meio Ambiente, no dia 07 de junho de 2019, em parceria com a Fundação do Meio Ambiente de Orleans (FAMOR), o MOV e escolas estaduais do município de Orleans. As turmas contempladas com essa atividade eram compostas por alunos do 2º e do 3º ano do Ensino Médio da E. E. B. Toneza Cascaes e da E. E. B. Samuel Sandrini, respectivamente.

A comunidade de Três Barras é rica em belezas naturais, históricas e culturais, que, atualmente, encontram-se em via de interesses de empresas mineradoras que pretendem implantar naquele santuário minas de exploração de carvão mineral. O objetivo de levar estudantes para aquele local foi o de promover uma sensibilização a respeito das riquezas do município a partir do contato direto com elas. Dessa forma, pode-se estimular o desenvolvimento de ações que possam garantir o conhecimento e, posteriormente, a valorização e a preservação dos recursos naturais, tão necessários à vida dos moradores do município, bem como dos remanescentes históricos e culturais que são partes integrantes na formação e na vida de um povo.

Durante o percurso até a comunidade, foi solicitado aos alunos que observassem os elementos da paisagem, como a vegetação, os rios, o relevo e as atividades econômicas. Em determinado ponto do trajeto, na comunidade de Brusque do Sul, realizou-se uma parada para que a Serra Geral fosse contemplada (Figura 8). Ali, os estudantes puderam observar a dimensão das escarpas verdes esculpidas pelo tempo. Salientou-se que boa parte do território de Orleans é cercada por escarpas, que são protegidas pela presença do PNSJ e do PESF, cujas demarcações também passam pelo nosso município.



Figura 8 - Vista parcial das encostas da Serra Geral



Fonte: Acervo dos autores (2019).

Ao chegarem a Três Barras, foi realizada uma parada em frente à igreja católica da comunidade e iniciou-se uma conversa entre os integrantes do MOV, os alunos e os professores. Foram feitas breves perguntas: “Alguém já conhecia Três Barras?”; “Já tinham ouvido falar desta comunidade?”; “O que sabem sobre ela?”. Os “nãos” predominaram entre a maioria das respostas.

Diante disso, foram abordados aspectos históricos do lugar, mostrando que aquele espaço foi ocupado pelos antigos indígenas, os Xokleng, conhecidos também como botocudos e, pejorativamente, como bugres. Relatou-se que eles acabaram sendo dizimados pelas ações dos colonizadores, que não aceitavam a presença deles, pois consideravam-nos selvagens e inaptos ao trabalho. Em Três Barras, mas também em outras comunidades de Orleans, a ação dos matadores de índios (os bugreiros) impediu que essas populações pudessem dar continuidade à sua vida e à sua história, sendo negado a eles, portanto, o convívio e o aprendizado. Salientou-se que é possível conhecer um pouco da história dessas pessoas por meio da sua produção material (artefatos), encontrada no Museu ao Ar Livre Princesa Isabel, também localizado em Orleans.

Dando continuidade às questões que envolvem o passado da região, foi abordado também sobre outro elemento histórico de grande importância para aquela comunidade, assim como para o próprio município de Orleans, a presença da atividade tropeira. Em Três Barras, a Serra do Imaruí foi um caminho por onde passavam os tropeiros serranos que iam em direção ao litoral para realizar o comércio. Esse caminho, traçado em meio às escarpas da Serra Geral, foi um ponto de ligação entre o planalto serrano e o litoral sul catarinense durante o século XIX, até as primeiras décadas do século XX. Três Barras, por ser o primeiro local a ser alcançado após a difícil descida da serra e o último lugar antes da subida, virou pouso dos tropeiros. Por essa razão, recebeu dos antigos tropeiros muitas contribuições econômicas e, acima de tudo, culturais.

Após uma breve explanação histórica sobre o tropeirismo, foi discutido com o grupo que não eram apenas produtos que os tropeiros traziam da serra, mas também seu próprio jeito de viver, seus costumes, suas formas de trabalho e organização social. Esse intenso intercâmbio cultural entre tropeiros e os moradores de Três Barras permitiu muitos aprendizados, sendo que tudo isso hoje faz parte da memória e da história dos moradores e, consequentemente, do próprio município. Foi possível observar as heranças desse intercâmbio no hábito das cavalgadas, comuns em muitas comunidades de Orleans; na festa do tropeiro, que ocorre anualmente em Três Barras; e na busca cada vez mais frequente, por parte dos amantes das caminhadas, pelo percurso da Serra do Imaruí.

Outro assunto muito importante levantado durante a conversa esteve relacionado às belezas naturais da comunidade. Os alunos puderam observar a Mata Atlântica, quanto dela vem sendo alterada e onde há necessidade de protegê-la. Além disso, foi possível visualizar as formações geológicas ali existentes, as quais oferecem um conjunto de monumentos naturais que vão das escarpas ao planalto, das rochas sedimentares às magmáticas, com altitudes variadas, formando um complexo natural de beleza ímpar.

Ao enfatizar sobre os elementos naturais, foi feita uma menção às águas do Costão que abastecem o município, alertando para a necessidade

de proteção e preservação dos recursos hídricos. E, a partir desse momento, levantou-se, então, a discussão crucial da conversa: a possibilidade de retorno da atividade mineradora de carvão no município, que, de acordo com os interesses das empresas mineradoras, poderá começar justamente por Três Barras. Nesse sentido, todo um histórico sobre a atividade mineradora e seus graves impactos ambientais foi traçado, sendo visível as reações negativas dos alunos em relação a esse tema. De forma unânime, houve discordância em relação à ideia de que é necessário explorar carvão como forma de desenvolvimento econômico.

A última etapa da saída de campo consistiu na realização de uma pequena caminhada e um lanche, onde se pôde ficar de frente para as águas do Costão e para os contornos da serra (Figura 9). Nesse ponto, houve um recomeço da conversa, em que foi ressaltada a importância da preservação dos recursos naturais do município.

Figura 9 - Caminhada contemplativa do Costão



Fonte: Acervo dos autores (2019).

Posteriormente à saída a campo, um retorno para discussão com os membros do MOV foi realizado com os alunos da E. B. B. Toneza Cascaes e outro foi agendado com a E. E. B. Samuel Sandrini.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante das experiências relatadas, o estudo do meio se mostrou uma ferramenta eficaz para motivar estudantes e pesquisadores de diferentes níveis de ensino a interessarem-se por e aprofundarem-se em assuntos do seu entorno, principalmente envolvendo questões de uso coletivo dos espaços e da preservação ambiental, daquilo que é essencial para todos. Água, vegetação nativa preservada, oportunidades no campo do lazer, preservação dos elementos culturais e novas oportunidades de renda sustentáveis devem ser estudados e aprofundados por meio de debates, discussões e envolvimento.

Envolver os alunos e pesquisadores no campo da temática ambiental revelou, na prática, uma ampliação do saber por meio do envolvimento e conhecimento daquilo que é local e do seu meio. A promoção dessas atividades por meio do Movimento Orleans Viva buscou disseminar por meio dos núcleos educacionais da região a necessidade de pensar e agir quando os riscos ambientais por algumas atividades econômicas ameaçam o convívio e a sobrevivência de muitas comunidades rurais.

Portanto, o legado que se constrói por meio dessas ações é o de conhecer para debater, conhecer para defender e conhecer para proteger. Cada aluno, cada pesquisador é capaz de transformar cada informação, cada conhecimento em proteção e mobilização. Com isso, espera-se que os contatos praticados até então possibilitem um despertar para a questão ambiental com relação às atividades carboníferas e suas consequências. Como Benjamim Franklin escreveu, “[...] diga-me e eu esquecerei, ensina-me e eu poderei lembrar, envolva-me e eu aprenderei” (ROGENSKI, 2016, p. 1). A educação ambiental só é possível se as experiências vividas, o contato com o lugar ameaçado e a relação de envolvimento forem possibilitados ao indivíduo interessado.

## REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. **Processos de Ensino na Universidade:** Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 5. ed. Joinville: Univille, 2007.

ANTUNES, Rui Batista; CONSTANTE, Vinicius Tavares. Hidrografia. *In:* ROCHA, Isa de Oliveira (Org.). **Atlas geográfico de Santa Catarina:** diversidade da natureza. 2. ed. Florianópolis: Udesc, 2016, p. 116-140.

BENI, Mário Carlos. **Globalização do Turismo:** megatendências do setor e realidade brasileira. São Paulo: Aleph, 2003.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Anuário Estatístico de Turismo:** 2019. Volume 46. Ano Base 2018. 1. ed. Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2019.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Ecoturismo:** orientações básicas. Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2008. 60 p.

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. **Diário Oficial da União.** Brasília, DF, 28 de abril de 1999. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9795.htm#:~:text=L9795&text=LEI%20No%209.795%2C%20DE%2027%20DE%20ABRIL%20DE%201999.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20educa%C3%A7%C3%A3o%20ambiental,Ambiental%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%Aancias](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm#:~:text=L9795&text=LEI%20No%209.795%2C%20DE%2027%20DE%20ABRIL%20DE%201999.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20educa%C3%A7%C3%A3o%20ambiental,Ambiental%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%Aancias). Acesso em: 09 ago. 2019.

COMPANHIA DE PESQUISA DE RECURSOS MINERAIS SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL - CPRM. **Coluna White excursão virtual pela Serra do Rio do Rastro.** Porto Alegre: CPRM, 2002.

FERREIRA, Lourdes Maria (Org.). **Plano de Manejo do Parque Nacional de São Joaquim.** Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 2018. 72 p.

FUNDAÇÃO DO MEIO AMBIENTE - FATMA. **Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra Furada**: Plano Básico. Florianópolis: Socioambiental Consultores Associados, 2010.

JACOBI, Pedro. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 118, p. 189-205, mar. 2003.

LOPES, Claudivan Sanches; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Estudo do meio: teoria e prática. **Geografia**, Londrina, v. 2, n. 18, p. 173-191, 2009.

LUIZ, Edna Lindaura. Geomorfologia. *In*: ROCHA, Isa de Oliveira (Org.). **Atlas geográfico de Santa Catarina**: diversidade da natureza. 2. ed. Florianópolis: Udesc, 2016, p. 91-108.

MARTINS, André. **Cresce a participação do Turismo no PIB nacional**: Mercado de viagens já é responsável por mais de 8% da economia no Brasil e gera emprego para cerca de 7 milhões de trabalhadores. *In*: MINISTÉRIO DO TURISMO. Publicado em 2019. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/12461-crece-a-participa%C3%A7%C3%A3o-do-turismo-no-pib-nacional.html>. Acesso em: 10 ago. 2019.

MATOS, Francisco de Castro. Turismo Pedagógico: o estudo do meio como ferramenta fomentadora do currículo escolar. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 7., 2012, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2012, p. 1 - 11.

MONTEIRO, Maurici Amantino; SILVA, Pâmela do Vale. Clima. *In*: ROCHA, Isa de Oliveira (Org.). **Atlas geográfico de Santa Catarina**: diversidade da natureza. 2. ed. Florianópolis: Udesc, 2016. p. 70-90.

MOVIMENTO ORLEANS VIVA - MOV. **O Movimento Orleans Viva**: Guardiões do Costão. Publicado em 2019. Disponível em: <http://orleansviva.com.br/o-movimento/>. Acesso em: 18 ago. 2019.

PANDOLFO, Cristina; BRAGA, Hugo José; SILVA JUNIOR, Vamilson Prudêncio da; MASSIGNAM, Angelo Mendes; PEREIRA, Emanuela Salum;

THOMÉ, Vera Magali Radtke; VALCI, Francisco Vieira. **Atlas climatológico do Estado de Santa Catarina**. Florianópolis: Epagri, 2002. CD-Rom.

ROGENSKI, Renato. “Boa publicidade também se aprende nos bancos da escola”. **Adnews Colunistas**. Publicado em 02 de maio de 2016. Disponível em: <https://adnews.com.br/boa-publicidade-tambem-se-aprende-nos-bancos-da-escola/>. Acesso em: 10 ago. 2019.

SCHÜLER, Thais Gaia; BROCHIER, Hélio Luiz. Turismo pedagógico como estratégia didática: explorando o in loco no ensino profissionalizante do turismo. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 2, n. 24, p. 298-316, maio/ago., 2016.

SUTIL, Thaise. **Diagnóstico socioambiental da área de proteção ambiental (APA) do Rio Maior, Urussanga, SC**. 2018. 164 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2018.

SUTIL, Thaise; FREITAS, Michele Darós; LIMA, Beatriz Fernandes de; BITTENCOURT, Ricardo Luiz de. O estudo do meio como estratégia de ensino na educação superior. **Revista Internacional de Formação de Professores**, Itapetininga, v. 3, n. 1, p. 109-121, jan./mar., 2018.

TREVISAN, Graziela; ANGOTTI, Maristela. Pedagogia de Freinet e as contribuições para se pensar a educação infantil atual. *In*: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNESP, 21., 2009, São José do Rio Preto. **Anais...** São José do Rio Preto: UNESP, 2009.

TRZASKOS, Luana Aparecida; BAUM, Jéssica; TROBIA, Giuliano. Paisagem natural e cultural: possibilidades de desenvolvimento turístico na Colônia Sutil em Ponta Grossa, PR. *In*: SEMINÁRIO DOS CURSOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS DA FECILCAM, 2., 2011, Campo Mourão. **Anais eletrônicos...** Campo Mourão: FECILCAM, 2011, p. 1-10.